CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
CORRESPONDÊNCIAS - RITA AZEVEDO GOMES | REALIZADORA CONVIDADA
04 de novembro de 2026

FRÁGIL COMO O MUNDO / 2001

Um filme de Rita Azevedo Gomes

Realização e argumento: Rita Azevedo Gomes / **Fotografia:** Acácio de Almeida / **Montagem:** Patrícia Saramago / **Som:** Antoine Bonfanti, Xavier Bonneyrat, John Fewell, Pedro Melo, Philippe Morel, Joaquim Pinto / **Décors e guarda-roupa:** Paula Migalhada / **Interpretação:** Maria Gonçalves (Vera), Bruno Terra (João), Sophie Balabanian (mãe de Vera), Carlos Ferreira (pai de Vera), Manuela de Freitas (Avó), Duarte de Almeida (Avô), Mário Barroso (narrador)

Produção: Madragoa Filmes / RTP / Gemini Films / **Produtor:** Paulo Branco / **Cópia:** DCP, p/b e cor, português com falas em francês / **Duração:** 92 minutos / **Estreia Mundial:** Festival de Veneza, 2001, Selecção Oficial Novos Territórios / **Estreia em Portugal:** Cinema King, 20 de Julho de 2001

NOTA
Falado em português, o filme tem breves passagens em francês que não estão traduzidas no DCP que é apresentado nesta sessão. Fica a nota e um agradecimento aos espectadores pela sua compreensão.

Com a presença de Rita Azevedo Gomes

Talvez o impulso básico deste filme esteja na reconciliação entre um cinema visual e um cinema literário. Podemos pensar que existe uma cinematografia da palavra e outra da imagem, e que ambas habitam as margens do *mainstream* a que chamamos «narrativo». *Frágil como o Mundo* une essas margens, construindo um exercício pausado e contemplativo mas habitado (e assombrado) pelos grandes textos e poemas (de Camões a Rilke).

A intenção narrativa aqui é mínima: uma rapariga que ama um rapaz, um rapaz que ama uma rapariga. Não assistimos a grandes peripécias nem deparamos com grandes obstáculos. Vera e João não são amantes contrariados ou perseguidos. Acontece que o enlevo amoroso fez crescer neles uma doentia percepção da fragilidade. «Terror de te amar num sítio tão frágil como o mundo», diz o poema de Sophia de Mello Breyner que dá nome ao filme, e é de facto a própria existência do mundo que se opõe a este amor adolescente. Numa tradição exaltada, casta e medievalista (ouvimos madrigais e trechos de Bernardim), os amantes vivem um para o outro, com um sentimento de eternidade e

com um pressentimento do sagrado. Eles são pastor e ninfa, amigo e amada, cavaleiro e donzela. Só estão bem quando estão juntos, quando estão fora do mundo, e no mundo não há verdadeiro lugar para eles.

O coração, aprende a miúda nas aulas, é uma «bomba que trabalha ininterruptamente setenta anos ou mais e só pára quando morremos». Ela vive obcecada com o trabalho insistente desse músculo involuntário, como se aquilo que é «natural» fosse trágico. O cuidar e o suspirar, como se dizia na poesia medieval, estão intrinsecamente ligados. E o amor é vivido como um acto quase sacramental, como se percebe na cena em que a rapariga come o bocado da carta em que ele diz que a ama. Este amar é tão alto que toda a realidade é uma ocasião de perigo.

É por isso que este amor só pode existir por pouco tempo, e num espaço onde mais ninguém entra. O centro do filme é o idílio genesíaco dos dois, num jardim das delícias onde não há senão árvores, frutos, sons de bichos ao fundo. João e Vera são Adão e Eva antes da queda, vivem um amor sem pecado, que se expressa quase só através do toque, como quem toca uma relíquia. O silêncio deles, deitados nas folhas e prometendo que nunca se hão-de separar, é a ilusão romântica por excelência. O amor tudo pode, acreditam, até mover montanhas (ou rochas, neste caso). E no amor tudo se joga, tudo se perde.

Embalados com versos, aforismos, medos e desejos, os dois amantes morrem de amor, porque o amor não bate setenta anos contínuos sem interrupção, não vive só de momentos fortes, vive no mundo, e o mundo é um sítio frágil. Rita Azevedo Gomes não pede aos seus jovens *modelos* (no sentido bressioniano do termo) qualquer naturalismo, porque o que lhe interessa são aqueles corpos, e aqueles corpos entre florestas e nevoeiros. O preto-e-branco acinzentado e um pouco granuloso capta Vera e João como «representação do movimento das almas e da sua projecção» (RAG). É uma arriscadíssima e empenhada aliança entre a imagem e a palavra, e não admira que no fim haja ecos dos pré-rafaelitas, que eram poetas e pintores de um amor doente de tão sublime.

Pedro Mexia